

Doença das Abelhas

CRIA PÚTRIDA EUROPEIA (CPE)

O agente causador é a bactéria *Melissococcus pluton*. As larvas são infectadas quando comem alimento contaminado. Pode ocorrer em todo o território nacional, mas geralmente não causa sérios prejuízos.

SINTOMAS

Favos com muitas falhas, opérculos perfurados. A morte ocorre geralmente na fase de larva, antes que os alvéolos sejam operculados. As larvas doentes ficam em posições anormais, podendo ficar contorcidas, nas paredes dos alvéolos.

Mudança de cor das larvas que passam de branco pérola para amarelo até marrom. Pode apresentar cheiro pútrido ou não.

Quando as larvas morrem depois da operculação, aparecem opérculos escurecidos, afundados e perfurados.

CONTROLE

Remoção dos quadros com cria doente.

Trocar rainha suscetível por outra mais resistente.

Evitar uso de equipamentos contaminados quando manejar colmeias sadias.

CRIA PÚTRIDA AMERICANA (CPA)

O agente causador é a bactéria *Paenibacillus larvae*. As larvas são infectadas quando comem alimento contaminado. No Brasil, a doença foi detectada em colmeias no Rio Grande do Sul. A contaminação ocorreu porque os apicultores alimentaram as abelhas com mel e pólen importados, contaminados com a bactéria. Essa doença pode provocar sérios prejuízos, pois seu controle é difícil, já que a bactéria é resistente a antibióticos e pode permanecer no ambiente por muito tempo.

SINTOMAS

Favos falhados com opérculos perfurados, escurecidos e afundados.

Morte na fase de pré-pupa ou pupa;.

Larvas com mudança de cor, passando do branco para amarelo até marrom escuro.

Cheiro pútrido.

As larvas mortas apresentam consistência viscosa, principalmente quando a coloração fica marrom escura. Para verificar, deve-se fazer o teste do palito, que consiste em inserir um palito rugoso no alvéolo, esmagar a cria e puxar devagar, observando-se, então, a formação de um filamento viscoso.

Quando a morte ocorre na fase de pupa, observa-se geralmente a língua da pupa estendida de um lado para o outro do alvéolo.

Presença de escamas (restos da cria já seca e muito escura) coladas nas paredes do alvéolo e de difícil remoção.

CONTROLE – Não utilizar antibióticos para tratamento preventivo ou curativo, pois pode levar à resistência da bactéria e contaminar os produtos da colmeia, além de ser um gasto adicional para o apicultor. O tratamento preventivo pode, ainda, esconder os sintomas da doença. Quando o apicultor suspeitar da ocorrência da CPA em seu apiário, deve tomar as seguintes medidas:

marcar as colônias com sintomas de CPA;

anotar as colônias afetadas e relatar a ocorrência para sua associação e autoridades

competentes;
enviar amostras dos favos com sintomas para análise em laboratórios especializados no diagnóstico de doenças de abelhas;
limpar equipamentos de manejo (luvas, formão, fumigador) e não utilizá-los nas colônias sadias;
após comprovação da doença por meio do resultado da análise laboratorial, destruir as colônias afetadas (para isso, pode-se optar pela queima da colmeia completa ou, se o apicultor quiser preservar as caixas, deve matar as abelhas adultas e depois queimá-las juntamente com os favos; para o reaproveitamento das caixas, devem ser esterilizadas); a esterilização das caixas pode ser feita de duas maneiras (mergulhando as peças em parafina a 160°C durante 10 minutos ou em solução de hipoclorito de sódio a 0,5% durante 20 minutos).

CRIA ENSACADA

O agente causador é o Sac Brood Virus (SBV). No Brasil, entretanto, a doença tem como agente causador o pólen da planta barbatimão (*Stryphnodendron* sp.) e não o vírus. Desse modo, a doença passou a ser chamada de Cria Ensacada Brasileira. A doença tem ocasionado prejuízos em várias regiões, exceto no Sul do Brasil. Em alguns casos, pode provocar 100% de mortalidade de crias, chegando a destruir uma colônia forte em menos de dois meses.

SINTOMAS

Favos com falhas e opérculos geralmente perfurados.

A morte ocorre na fase de pré-pupa.

Não apresenta cheiro pútrido.

Cria com coloração cinza, marrom ou cinza escuro.

Ocorre a formação de líquido entre a epiderme da larva e da pupa em formação.

Quando a cria doente é retirada do alvéolo com o auxílio de uma pinça, apresenta formato de saco, ficando o líquido acumulado na parte inferior.

CONTROLE

Evitar a instalação de apiários em locais com incidência da planta barbatimão.

Utilizar alimentação artificial das colmeias na época de floração do barbatimão.

CRIA GIZ

O agente causador é o fungo *Ascospaera apis*. A incidência dessa doença no Brasil tem sido baixa, havendo relato de poucos casos no Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais. Existe a possibilidade de ser introduzida por meio da alimentação das colmeias com pólen importado contaminado.

SINTOMAS

Favos com falhas e opérculos geralmente perfurados.

A morte ocorre na fase de pré-pupa ou pupa.

Não apresenta cheiro pútrido.

A cria morta apresenta coloração branca ou cinza escuro e aspecto mumificado (rígida e seca).

CONTROLE – Como medida preventiva, recomenda-se não utilizar pólen importado ou das regiões do Brasil em que a doença foi detectada para alimentação das colmeias.

NOSEMOSE

O agente causador é o protozoário *Nosema apis*. No Brasil, ocorreu com certa frequência até a década de 80 e, nos últimos anos, não tem sido detectada. O protozoário afeta principalmente o ventrículo (estômago da abelha), causando problemas na digestão dos alimentos e pode provocar disenteria. A doença diminui a longevidade das abelhas, causando decréscimo na população e, conseqüentemente, na produtividade das colmeias.

SINTOMAS

Abelhas com tremores e com dificuldade de locomoção.

O intestino apresenta-se branco leitoso, rompendo-se com facilidade.

Operárias campeiras mortas na frente do alvado – em alguns casos, encontram-se fezes no alvado e nos favos.

ACARIOSE

O agente causador é o ácaro endoparasita *Acarapis woodi*. Assim como a nosemose, a acariose foi mais frequente até as décadas de 1970-1980, não sendo mais considerada problema nos apiários brasileiros. O ácaro se aloja nas traqueias torácicas, perfurando-as e alimentando-se da hemolinfa (sangue das abelhas). O ataque do ácaro pode diminuir a longevidade das abelhas e, conseqüentemente, reduzir a população da colmeia, provocando perdas na produção.

SINTOMAS

Abelhas rastejando na frente da colmeia e no alvado, com as asas disjuntas, impossibilitadas de voar.